

O ESTATUTO LITERÁRIO

d'Os Sertões

Jorge Araújo

Na travessia leitora de *Os sertões* – o que todo brasileiro deveria percorrer, pelo menos a cada nova década – a primeira impressão não é nada desvanecedora, a que se insinua em nosso espírito à primeira vista: de que seja um livro massudo, um tratado de aparência moral, com o manto genético das formulações científicas. Por causa disso, há quem prefira saltar as duas primeiras seções da obra – “A Terra” e “O Homem” – indo direto ao relato da terceira – “A Luta” – onde se encontram as peripécias de verdadeira odisséia nos grotões sertanejos. Logo de início, a linha de força do relato assume tonalidades de um determinismo cientificista que, a princípio, subordina o teor de percepção de Euclides da Cunha numa direção unívoca, chã, da fatalidade étnica operando as ações, combinadas pela persuasória limitação interrelacional entre a terra (geografia, natureza), o *homem* (vezos antropológicos e psicológicos), restando *à luta* o comprometimento com o estatuto literário (pelo épico da narrativa) e o histórico no entrechoque da identidade brasileira em republicanismo ainda nos cueiros.

Na nota preliminar que abre *Os sertões*, Euclides logo adverte para o fenômeno da existência de “sub raças sertanejas do Brasil”. Sob análise, os elementos egressos dessa constituição tipológica vão assim aparecer, aos olhos de um Euclides inconscientemente premonitório: “o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo, o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas” (EC,

Obra completa, RJ: José Aquillar, v. II, p. 93). Euclides é claramente presa da armadilha conceitual dos deterministas, defensores da dependência de raças fracas esmagadas por raças fortes. Por isso desconfia do gênio desses “filhos do mesmo solo, porque, etimologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, *vivendo parasitariamente à beira do Atlântico* dos princípios civilizadores elaborados na Europa e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de *mercenários inconscientes*” (grifos nossos, p. 93).

Estes primeiros momentos de obra tão festejada quanto mal digerida no espectro brasileiro são de choque ao leitor menos prevenido. Na nota que puxa, Euclides prenuncia, entretanto, um elemento de observação autônoma que permeará todo o livro: “não tive o intuito de defender os sertanejos, porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque” (p. 93), investindo contra os conselhos tutelares do pensamento oficial e metropolitano, tão distantes (e não só geograficamente) do Brasil que irá perلustrar a pena de um agudo escritor em alerta máximo contra “os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semi bárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas” (p. 93). O resumo final da acuidade crítica de Euclides não poderia ser mais direto, referindo-se à vitória definitiva da Quarta Expedição contra Canudos: “Aquela campanha (...) foi, na significação integral da palavra, um crime”. “Denunciemo-lo” (p. 94).

Um pouco à moda de Tucídides, lacerando-se na descrição e relato das ações da guerra do Peloponeso, Euclides guarda um ritmo heróico (e portanto épico, romanesco) de formulação para além da rasura historiográfica. Como um Vieira tresmalhado, Euclides constrói um texto armado de linguagem catedralesca, imagens góticas de expressão até mesmo gongórica ou extravagante, fazendo sobrar um que outro arroubo ufanista: “os exageros descritivos (...) fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina” (p. 96). Aqui reponta um maneirismo pan-sensualista, sobretudo no tropo lingüístico, imagético – “mandacarus despedidos e tristes, como espectros de árvores” (p. 104). Trata-se de um maneirismo aparentemente anacrônico e fora de propósito, aproximando-se ora do rococó gongórico *a la* Rocha Pitta, ora do abstruso vocabulário *a la* Augusto dos Anjos. A cada passo, como a enriquecer o texto com luminosas referências pontuais, um erudito Euclides faz uso direto e indireto de citações de autores conhecidos de sua contemporaneidade, notadamente com títulos em francês.

Não raro perfeccionista, Euclides defende o seu texto da pecha de inexatidão ou nefelibatismo científico, arrimando-se na opinião e juízo desses autores (como os

geólogos Contejean e Liais). Frequentemente, porém, o presumido cientista deixa evidenciar-se a verdadeira identidade de seu texto, manifestando uma inequívoca vocação poética, como na imagem bizarra de um (tradicionalmente seco) Vasa Barris como um rio sem nascente, “em cujo leito viçam gramíneas e pastam os rebanhos” (p. 109). Com isso alcança uma bela poesia de efeitos rítmico e imagético algumas vezes surpreendentes: “É uma onda tombando das vertentes da Itiúba, multiplicando a energia da corrente no apertado dos desfiladeiros, e correndo veloz entre barrancos, ou entalada em serras, até Geremoabo” (p. 110).

Claro que o positivismo científico bebido em Taine, Spencer e Hackler figurará como instrumento de análise vigilante às influências recíprocas entre as condições genéticas e os agentes físicos e sociológicos. Em conseqüência, é Euclides que afirma, pessimista: “Escasseiam-nos as observações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que nos volvemos às coisas desta terra, com uma inércia cômoda de mendigos fartos” (p. 111). Abundante de adjetivos qualificativos e de imagens que pretende fixar na memória impressiva do leitor, Euclides é um legendário *habitué* de vocábulos e expressões extravagantes à voga ora do estilista fino e erudito, ora do duro e dileto comparsa de um certo reducionismo até mesmo frio, fruto do evolucionismo spenceriano.

Jornalista e naturalista amador, Euclides enuncia premonições: “sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo” (p. 111). Depondo sobre o clima da região que toma por cenário de sua obra, não perde o naturalista, no entanto, a veia poetizadora da visão dos elementos da “terra desnuda”: “Insola-se e enregela-se, em vinte e quatro horas. Fere-a o sol e ela absorve-lhe os raios, e multiplica-os e reflete-os, e retrata-os, num reverberar ofuscante”. O ritmo heróico se acentua em decassílabos, alternando-se com imagens coruscantes: “incendiam-se as acendalhas da sílica fraturada (...) numa trama vibrátil de centelhas”. A atmosfera quente do sertão é comparada ao “ondular vivíssimo de bocas de fornalha”, que termina por fulminar “a natureza silenciosa em cujo seio se abate, imóvel, na quietude de um longo espasmo, a galhada sem folhas de flora sucumbida” (p. 112).

Memorialista da seca, Euclides lembra a intermitência trágica do fenômeno no Nordeste brasileiro e inscreve em fogo as datas cíclicas do flagelo: 1723-1727; 1744-1745; 1777-1778; 1808-1809; 1824-1825; 1835-1837; 1844-1845; 1877-1879. Mestre em comparações – provavelmente a figura de estilo que mais utiliza – Euclides espalha-as e colhe-as como preciosidades botânicas. Os xiquexiques (*cactus peruvianus*), variante dos mandacarus, profusa planta dos sertões nordestinos, são por ele compa-

rados à “imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica” (p. 123). Familiar à vegetação, com as chuvas, documenta o que chama de “mutação de apoteose”, com a nova estação fazendo ressurgirem mulungus, caraíbas, baraúnas, amarílis, umburanas, quixabeiras, ouricuris, umbuzeiros...

É lírica a descrição euclideana do umbuzeiro, “árvore sagrada do sertão”, convertida em “sócio fiel” do vaqueiro. Na hipótese de faltar o umbuzeiro, crê o historiador que o sertão se despovoará. Também assim a jurema, cujo sumo retempera o ânimo do homem do sertão. Euclides vê a natureza como mãe e aliada, apesar dos rigores das cheias ou das aflições da seca. O homem torna-se “um agente geológico notável”, responsável pelo extenso mal ao meio ambiente pois “reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos” (p. 130).

II – O HOMEM

As considerações de natureza radical tomadas por Euclides da Cunha em *Os sertões*, à base das teorias evolucionistas ainda em voga em seu tempo, radicam um teor de subordinação antropológica duramente increpado por um seu contemporâneo, o sergipano Manoel Bonfim (1868-1932), para quem as teses racistas, positivistas e evolucionistas prenunciavam uma orientação de fundo colonizador, uma vez que tais teses e a crença num extrato superior de raças consideradas “puras” não passavam de modelos claros para encobrir os interesses dos países europeus, disseminadores do massacre da colonização. Para Bonfim, estabelecer um purismo racial a partir do branco europeu e classificar os indivíduos em tropos de raças puras e sub-raças nada mais era que estabelecer uma “etnologia privativa das grandes nações salteadoras” e um “sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata”. Com base nessa crença, Manoel Bonfim descarna as mazelas latinoamericanas no livro *América Latina: males de origem*, publicado em 1905, denunciando o Estado brasileiro divorciado do conceito de Nação, gerador de crises intermitentes em virtude do favorecimento espúrio das elites e o gasto desproporcional entre os setores de aparelhamento do Estado e a educação e a cultura.

Embora golpeada por estes estigmas, que remontam ao determinismo racial-biológico, e guiada por um fatalismo étnico abstruso, que classificava indivíduos em

seres superiores e inferiores a partir de sua etnia, sob o gáudio da verdade científica e antropológica que aborrece qualquer indício de miscigenação como fermento degenerativo, a obra de Euclides da Cunha só se supera porque ultrapassa o estatuto facilmente conferível de História ou Ciência, inscrevendo seu autor na série literária, aí aprofundando-lhe a compenetração de epifania do Brasil.

Tomando o conceito de raça como objetivo antropológico, Euclides comete as extravagâncias (ou excentricidades?) dos colendos deterministas cuja teoria segue. Nesse diapasão, índios e negros são *bárbaros*, com “os atributos preponderantes do HOMO AFER” (p. 138), sem o benefício da seleção natural e exercitados intensivamente pela ferocidade e pela força. Nesse caldo, o branco português representaria o “fator aristocrático de nossa GENS” (...) e “nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta” (p. 138). É justamente aí que Euclides sucumbe à feição intelectual do arianismo, com as ramificações conhecidas desde Tobias Barreto e Sílvio Romero, adeptos do etnocentrismo do branco como “raça superior”. Esse sucumbimento faz Euclides justificar as entradas e bandeiras como um “movimento admirável” (p. 150) e escarnecer da Companhia de Jesus, cujo monopólio de “conquista das almas” é ironizado por Euclides como a celebração do “eufemismo casuístico” da exploração do trabalho indígena” (p. 151). Como a historiografia oficial de Varnhagen, de agrado aos reis, Euclides creditava o desaparecimento dos povos indígenas à miscigenação e a progressiva extinção à degenerescência diluidora da raça primitiva na mistura dos sangues. Assim, a baixa população de índios na América portuguesa se deu mais “em virtude de cruzamentos sucessivos que de verdadeiro extermínio” (p. 155). Esgrimista de polarizações, Euclides, a um tempo que defende como *nobilitadora* a ação dos jesuítas ante colonos escravagistas do índio, denota como *oportuna* (...) *para a nossa história* a ação de Pombal contra os mesmos jesuítas.

Se na seção de “A Terra”, a obra euclideana alcança um valor (e leveza) também de crônica (inclusive de viagem), em “O Homem”, a despeito das considerações subalternas ao conceito de raça especialmente do inglês Herbert Spencer – ocasião em que o próprio Euclides deixa entrever um certo desconforto ao subintitular o primeiro capítulo de “Um parêntesis irritante” – as impressões mais vivas a propósito do caráter do sertanejo são de uma simpatia afetuosa, um tanto complacentes (complacência de homem superior, urbano, do litoral civilizado e culto). Aqui, pela primeira vez, Euclides se refere à imagem célebre de Canudos como a “Tróia de taipa dos jagunços” (p. 162).

Tipos dos mais freqüentes na constituição racial dos sertanejos, o mestiço aparece, nesta seção de *Os sertões*, como sendo “um desequilibrado” (ainda que a expressão venha atenuada com o concessivo “quase sempre”), feito de um “desequilíbrio nervoso, que em tal caso, é incurável” (p. 167). Tais conceituações, no mínimo, poriam em desconforto a amizade existente entre o mestiço Machado de Assis e Euclides da Cunha, uma vez que este, com momices de autoridade no assunto, decreta: “Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele [o mestiço, claro] revela casos de hibridiz moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequeitados, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da *raça menos favorecida*” (grifo nosso, p. 167). Para Euclides (e desconhece-se como Machado teria reagido a tais argumentos de fundamentalismo biológico) o mestiço não tem sequer como afirmar-se pela recusa, ou pela contribuição à seleção natural, porque, fruto de raças antagonicas, será sempre marcado por uma “moralidade rudimentar”, pois nela se inscreve como nódoa, “o automatismo impulsivo das raças inferiores” (p. 167).

Numa canhestra interpretação, que radica uma típica mirada aristocrática, Euclides manifesta a crença de que a civilização, que abandonou o sertanejo, o homem do interior do Brasil, terminou por beneficiá-lo com o abandono, pois o meio moldou-lhe a têmpera forte, longe da amorfia viciosa dos lugares do litoral... Mas Euclides é suficientemente atento ao lamacento território dessas teses, derivando ora para a crítica sutil e quase dissimulada ante uma República que engatinha, ora para a variante do jeitinho: “Deixemos, porém, este divagar pouco atraente” (p. 169). No capítulo III da seção “O Homem” é que vai aparecer a famosa sentença já fenecida por tanto uso: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Euclides completa-a, com o primor da leitura de romances e mitos: “Desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo” (p. 170). Desconstrói-se a imagem superlativa da aparência, com o descritivo vigor dos fortes plenamente adaptados ao meio: “nada lhe impede encaixar o garrote desgarrado, porque por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...” (p. 171). Outras imagens assinalam a curiosa hermenêutica do objeto humano, aqui descrito como “um centauro bronco”, uma “perfeita tradução moral dos agentes físicos de sua terra”, um “homem quase sem ter sido criança”, que “teve uma árdua aprendizagem de reverses” (p. 172/173). Este vaqueiro/jagunço é duro, forte, frio, no manejo da faca ou da espingarda, onde e quando “dorme na pontaria” (p. 174).

Etnólogo amador, marcado precipitadamente pela interinfluência do positivismo psiquiátrico e naturalismo clínico, Euclides compreende como *histeria* qualquer mani-

festação religiosa fora do oficialismo católico, aborrecendo como selváticos os rituais afro e índio. Para ele, Antonio Conselheiro tanto poderia entrar para a História quanto para o hospício, por tratar-se de um gigante integrador e sincrético dos caracteres do meio físico e social, sintetizando, “de uma maneira empolgante e sugestiva, todos os erros, todas as credices e superstições, que são o lastro do nosso temperamento” (p. 194). O meio físico e social ampara o “apóstolo antigo” pela paixão e desvario, a nota trágica dos reveses do homem sertanejo sendo canalizada pelo Conselheiro para a passividade mística e posteriormente para a ação fanática, messiânica. Para Euclides, Antonio Conselheiro foi “um gnóstico bronco” no símile do absolutismo da Igreja Católica medieval, auto-comprazido em seu papel de evangelizador, missionário, espécie do que Euclides chamou de “delegado dos céus”, apontando pecados e caminhos de redenção, “arreatado por aquela idéia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para objetivo fixo com a finalidade irresistível” (p. 196). Conselheiro teria sido favorecido por uma singular história pessoal, que Euclides traceja com um comportamento textual respeitoso, discreto, apontando no homem os desvios sem julgamentos preconcebidos quanto às normas de conduta no plano familiar e moral. Euclides associa, inclusive, a bravura indômita do Conselheiro à história de resistência da família Maciel, no Ceará, contra os poderosos Araújo, em 1833. Nesse ponto da análise, o relato euclideano tem muito das façanhas inscritas na literatura de cordel, recorrendo embora a cronistas coevos. Euclides revela uma compreensão quase compassiva para o Conselheiro segundo uma linha de interpretação do indivíduo vítima de impulsos hereditários, com o histórico trágico das *razzias* familiares e com um casamento desastrado. A mulher de Antonio Vicente Maciel foge com um sargento de polícia – cena nada incomum na paisagem humana e social do Nordeste brasileiro durante anos – e o futuro Conselheiro se embrenhará pelos sertões nordestinos, andando a pé e dormindo pelos caminhos, peregrinando do Ceará à Bahia. Nasce desse episódio o anacoreta de camisolão azul, barbas longas, vivendo de esmolos, recusando o excedente da comida parca, dormindo em tábua nua ou no chão duro. A legenda desse peregrino de roupeta beata, gestos mansos e voz pausada, deblaterando contra a fome, a miséria e os impostos republicanos, completa o ciclo de imaginariação da persona mística do Conselheiro, intocável, convalidando o cristianismo primitivo, apóstolo e evangelista, santo taumaturgo perorando o pecado dos homens, conclamando os crentes na visão sebastianista do reino prometido, onde os bons serão premiados por seus méritos cristãos. Para o acrescentamento mítico da figura lendária contribuiu o estatuto de

mártir. Euclides registra com lisura a falsa increpação de culpa ao Maciel que teria matado a mãe, travestida em vulto de sedutor, e a esposa adormecida. Euclides também o chama de “bufão arrebatado numa visão do Apocalipse” (p. 206), a citar trechos das *Horas marianas* e da *Missão abreviada*, livros que o Conselheiro traria sempre consigo. Com gestos e fala impressionadores, o Conselheiro, para Euclides da Cunha, é “o grande desventurado” que reunia em si uma série de atributos fáceis de convencer uma população de todo desassistida pelos centros de poder e de mais fácil assimilação do universo de milagres e benesses celestiais, uma vez que a vida na terra, além de passageira, era de difícil consecução. O Conselheiro assim “realizava, nessa ocasião, o seu único milagre: conseguia não se tornar ridículo” (p. 206). A multidão consagrava-lhe um misto de temor e devoção. O Deus invocado, claro, seria o do Velho Testamento, o terrível expropriador das consciências na linearidade medieval e o do livro expiador no relato de João sobre o final dos tempos.

O Conselheiro denunciava desgraças:

... Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão.

Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.

Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças.

Em 1899 ficarão as águas em sangue e o planeta hade aparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu...

Hade chover uma grande chuva de estrellas e ahi será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra dêste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!

Na hora nona, descançando no monte das Oliveiras um dos seus apóstolos perguntou: Senhor! para o fim desta idade que signaes vós deixaes?

Elle respondeu: muitos signaes na Lua, no Sol e nas Estrellas. Hade aparecer um Anjo mandado por meu pae terno, pregando sermões pelas portas, fazendo povoações nos desertos, fazendo egrejas e capellinhas e dando seus conselhos...

Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brazil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prussia com a Prussia, das ondas do mar D. Sebastião sahirá com todo seu exercito.

Desde o principio do mundo que encantou com todo seu exercito e o restituiu em guerra.

E quando encantou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os copos e elle disse: Adeus mundo!

Até mil e tantos a dois mil não chegarás!

Neste dia quando sahir com o seu exercito tira a todos no fio da espada deste papel da Republica. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue hade ir até á junta grossa [...]. (p. 208)

Os sertões associam Antonio Conselheiro aos pietistas do século II, que pregavam o retorno (sebastianista *avant la lettre*) de mil anos de felicidade, ao arrepio da ortodoxia do catolicismo culto, de desengano do mundo profano, condenação ao luxo e proximidade com o judaísmo. Para a compreensão moderna, o Conselheiro seria um heresiarca na fronteira com um catolicismo analfabeto, posto que radicalmente fiel ao primeiro cristianismo. Os que o seguiam construindo capelas eram – assim o diz Euclides da Cunha à página 209 da obra citada – “operários cujos salários se averbavam nos céus”. A prática do Conselheiro serviria, gratuitamente, aos padres do interior, que não o molestavam. Uma circular do Arcebispado da Bahia, em 1882, proibia os misteres seculares do taumaturgo:

Chegando ao nosso conhecimento, que pelas freguesias do centro dêste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que esta perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Reverendíssima que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos Paroquianos que lhes proibimos absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na igreja católica, somente aos ministros da região, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que êle seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-lo.

Entretanto sirva isto para excitar cada vez mais o zêlo de V. Reverendíssima, no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos, não se deixem levar por todo o vento de doutrina, etc. (p. 210)

Mas não se registra qualquer óbice católico à travessia do *santo* ou de seus peregrinos até seu fixação definitiva em Canudos, no arraial do Belo Monte, ou Bom Jesus, com suas igrejas às margens do Vasa Barris, agreste da Bahia.

Euclides, todavia, não contemporiza com o que entende por fanatismo e ignorância. Para ele, Antonio Conselheiro era “um grande homem pelo avesso”, capitalizando e fanatizando as populações miseráveis e ignorantes, todas presas de um mis-

ticismo cego, eivado de equívocos supersticiosos. O escritor, travestido em jornalista, silencia quanto ao abuso dos impostos republicanos aplicados aos sertões desprovidos de tudo, inclusive das atenções metropolitanas. Tudo se resumirá, para o analista, como “a psicose coletiva” transformando os indivíduos em joguetes da vontade exclusiva de um líder cujo carisma se assentava na inocência e incultura de pobres sertanejos arremessados ao desastre inevitável: “Canudos estereotipava o *fácies* dúbio dos primeiros agrupamentos bárbaros” – sentencia Euclides à página 221 d’*Os sertões*. O Conselheiro aparece ainda como um apóstata do “belo ideal cristão”, consentindo em violações de donzelas e no amor livre, pregando a provação, o martírio, o exílio existencial voluntário, com jejuns prolongados e auto-flagelações. E fechando os olhos aos desacatos dos jagunços, que atropelavam a ordem nos arredores de Canudos, saqueando, estuprando e matando inocentes. Euclides insinua ainda que a guerra em Canudos também teria motivações políticas e econômicas, uma vez que a grandeza que transformou o arraial ensinaria um poder paralelo ao Conselheiro e seus seguidores diretos. O poder autônomo se correlacionaria com o aumento de prestígio dos canudenses no imaginário popular de outras regiões do Estado da Bahia e mesmo do Nordeste, em particular sob a forma de um triunfo que humilhava as forças oficiais impotentes ante um enclave religioso, teocrático e político cada vez mais assoberbando-se em poder, eleitoral inclusive. Para Euclides, no entanto, Canudos se tornara uma “imunda ante-sala do Paraíso, pobre peristilo dos céus (...) repugnante, aterrador, horrendo...” (p. 226). No intertítulo denominado “acervo de trapos”, Euclides pinta as mulheres como monstregos largados do hábito de vestir, grávidas de ascese, todas no mais rigoroso dos rigores das vestes e dos caprichos do toucador. Antonio Beatinho, espécie de aio do Conselheiro, tinha “o olhar diluído de um faquir em êxtase” (p. 230).

Euclides parece perscrutar, na simplicidade do povo sertanejo representado em Canudos, alguma forma simbólica de transcender a guerra fratricida, o banho de sangue, o argumento da bala. Sua “ortografia bárbara corria parelhas com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado” (p. 232). Mas o espírito insumisso encontrava guarida no arcabouço festeiro, na contradita ao poder discricionário, estimulando a picardia e a verve do povo simples e realçando a sublevação espelhada na quadrinha anônima que corria entre os subversivos:

Saiu D. Pedro II
Para o reino de Lisboa
Acabou-se a monarquia
O Brasil ficou à toa. (p. 232)

Euclides acreditava num Conselheiro retrógrado, porque o asceta acreditava, por seu turno, no direito genealógico e divino dos reis, cujo maior símbolo seria D. Sebastião, como todos os de linhagem real ungido por Deus e, portanto, tendo por Ele delegado um direito sagrado, tabu, interdito a qualquer mudança. A deposição de D. Pedro II, seguida da cobrança dos impostos perseguida pela República, culmina no não reconhecimento, pelo Conselheiro, da nova ordem.

III – “A LUTA”

Na última seção do grande livro de Euclides da Cunha, os nomes de lugares baianos próximos ao cenário da guerra nos soam familiares: Camisão, Orobó, Mundo Novo, Monte Alegre, Pilão Arcado, Xique Xique, Alagoinhas, Serrinha, Queimadas, Monte Santo e mesmo uns mais distantes geograficamente como Jequié e Lençóis. As *terras grandes*, estrangeiras, representam tudo o que se prenuncia estranho ao mundo do sertão, o que Euclides chama de “a civilização inteira que temem e evitam” (p. 246, nota 69).

Para um texto considerado sisudo, Euclides surpreende com a ironia desfechada contra a campanha militar, cujo agrupamento saiu de Monte Santo a 12 de novembro para não sair a 13, considerado dia aziago. Euclides não dispensa o sarcasmo, salientando que as forças oficiais saíam a campo para “combater o fanatismo” (p. 244, nota). “Na travessia do Cambaio”, o relato se detém na descrição de um exército superequipado com armas consideradas modernas (canhões Krupp, metralhadoras Nordenfeldt) e eloquência rude-militar baseada em palavras-emblemas como “Pátria-Glória-Liberdade”, investidos todos da expectativa nacional para um massacre contra “rudes penitentes, os criminosos retardatários, que tinham a gravíssima culpa de um apego estúpido às mais antigas tradições” (...) À República se impunha aplicar contra tais legados da miséria e ignorância um “corretivo enérgico” na pressuposição expressiva da ordem positivista de que “era preciso que saíssem afinal da barbaria em que escandalizavam o nosso tempo, e entrassem repentinamente pela civilização adentro, a pranchadas” (p. 263). Por inúmeras ocasiões textuais, Euclides adverte para a incompetência dos comandantes das primeiras campanhas, que demonstram não só uma insciência geográfica gritante e uma sociologia que desconhecem (quando não desprezam) como também “a mais completa ignorância da guerra” (p. 265).

Na análise que faz do temperamento e psicologia dos combatentes sertanejos, Euclides estima-os como “guerrilheiros esquivos cuja força estava na própria fraqueza” (p. 266), relacionados comparativamente aos prussianos pela “precisão mecânica da bala” e aos latinos, conhecidos pelo “arrojo cavalheiresco da espada” de que se alimenta a tática das guerras. Limitados no conhecimento de um conflito bélico de proporções alarmantes, os canudenses inventaram a tática das guerrilhas, com ataques súbitos, arrancadas e recuos intermitentes. É o que Araripe Júnior, em significativo estudo, chamou de tática dos *boers*, guerrilheiros de procedimento militar semelhante.

O fracasso da primeira campanha, na visão euclideana, se deu em virtude de o comando atuar no feitiço de uma guerra convencional, pondo homens em linha, em falanges compactas: “homens inermes carregando armas magníficas” (p. 266). Engenheiro formado em escola militar, Euclides defende a tese de que “um chefe militar deve ter algo de psicólogo”, não lhe bastando apenas as noções de disciplina, armamento, técnica e comando. É com vezos de estrategista militar que Euclides expõe seu conceito de envolvimento em conflitos: “Por mais mecanizado que fique o soldado pela disciplina, tendendo para esse sinistro ideal de *homúnculo*, feito um feixe de ossos amarrados por um feixe de músculos, energias inconscientes sobre alavancas rígidas, sem nervos, sem temperamento, sem arbítrio, agindo como um autômato pela vibração dos clarins, transfiguram-no as emoções da guerra” (p. 266).

Com esse tônus de repreensão sistemática aos equívocos da guerra, perpetrados pelo lado oficial do regime republicano, Euclides denuncia, sem rodeios, que foi a arrogância dos chefes militares que se julgam poderosos que fez perderem as três primeiras expedições contra Canudos. O relato renuncia ao tom puramente historiográfico para ganhar em ressonância rítmica do verbo heróico, dignos de nota épica. Alguns parágrafos evidenciam essa vocação de epopéia em Euclides, à página 271 da obra citada: “Vagas humanas raivando contra os morros num marulho de corpos, arrebetando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passavam, estrídulas, as notas dos clarins soando a carga” Outros exemplos, também na página referida, comprovam o frescor épico, particularmente da *Eneida* virgiliana na obra de Euclides:

No alto, mais longe, pelo têsso da serra, reapareciam os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores: os que se agitavam, velozes, surgindo e desaparecendo, às carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas. A cavaleiro do

assalto, êste iludiam de modo engenhoso a carência de espingarda e o lento processo de carregamento das que possuíam. Por isto se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira. De sorte que se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituía-o logo qualquer dos outros. Os soldados viam tombar, mas ressurgir imediatamente, indistinto, pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhes a espingarda. Alvejavam-no de nôvo. Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico. (p. 271)

Euclides contabiliza as baixas com um rigor pretensamente neutro. No primeiro encontro, 4 mortos e vinte e tantos feridos da parte dos soldados e “115 cadáveres sertanejos, contados rigorosamente”. No segundo, nova derrota dos sertanejos obriga, paradoxalmente, a retirada dos invasores. Armados apenas com a técnica rudimentar do instinto guerreiro balisado pelas circunstâncias e herdado do imponderável, avançavam e se escondiam os canudenses. Novamente, poucos cadáveres e feridos entre os soldados e mais de 300 corpos batidos no pó da guerra entre os canhestros *boers* do sertão. Euclides se supera, alternando relato e registro duro da História, com a poeticidade impressiva dos épicos: “Tingira-se a água impura da Lagoa do Cipó e o sol batendo de chapa na superfície, destacava-a sinistramente no pardo-escuro da terra requeimada, com uma nódoa amplíssima, de sangue...” (p. 276). A retirada dos soldados é comparada à de Laguna, na guerra do Paraguai e, tal como Taunay, Euclides confere a essa retirada um semelhante *imprimatur* heróico.

Para a iminência da expedição Moreira César, Euclides percorre análise criteriosa do momento histórico brasileiro, com as mazelas sociais imprimidas no período e pós morte de Floriano Peixoto, de onde faz emergir a figura de Antonio Moreira César, um “manipanso de farda”, um ídolo do “fetiche político” em acervos de debelador de revoluções. A esse coronel de infantaria escalado como um novo Caxias, Euclides se refere com vezos de premonição: “E como o exército se erigia, ilogicamente, desde o movimento abolicionista até à proclamação da República, em elemento ponderador das agitações nacionais, cortejavam-no, captavam-no, atraíam-no afanosamente e imprudentemente” (p. 283). Com a sombra espelhada de Moreira César, um irônico de vergaste satírico, assim Euclides verbera: “Os heróis imortais de quarto de hora, destinados à suprema consagração de uma placa à esquina das ruas, entravam, surpreendidos e de repente, pela história dentro, aos encontrões, como intrusos desaponta-

dos, sem que se pudesse saber se eram bandidos ou santos, envoltos de panegíricos e convícius, surgindo entre ditirambos ferventes, ironias diabólicas e invectivas desapiedadas” (p. 284).

Conhecedor do temperamento e afeições do coronel Moreira César, acometido de freqüentes crises de epilepsia, Euclides fala da “fatalidade biológica” da doença como fenômeno de histeria que alterna situações antinômicas, da ira à bonomia. Esquece-se (ou desconhece?) da fatalidade da moléstia, que alcança o seu admirado confrade Machado de Assis, quando analisa a psicologia de Moreira César: “tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrando a instabilidade nervosa de doente grave em placidez enganadora” (p. 285). Euclides, no entanto, preserva, no perfil de Moreira César, o oficial combativo e tenaz, competente mas desequilibrado pela “desorganização psíquica”, e mais ambicioso, vingativo, desbrioso fisicamente, “com os paroxismos da exaltação intermitente” (p. 287).

É de imaginar-se a estupefação e o desconforto de Machado de Assis ao ler tais trechos da obra de Euclides. Particularmente quanto aos resultados e traços de caráter do coronel Moreira César em consequência da chamada *doença dos gênios*, ou *síndrome de César*: “Realmente, a epilepsia alimenta-se de paixões; avoluma-se no próprio expandir das emoções subitâneas e fortes; mas, quando, ainda larvada, ou traduzindo-se em uma alienação apenas afetiva, solapa surdamente as consciências, parece ter na livre manifestação daquelas um derivativo salvador atenuando os seus efeitos” (p. 287). Mais agudamente, como a intensificar o golpe de misericórdia na profundidade da dor, diz Euclides que a epilepsia se manifesta como “num crime ou num lance raro de heroísmo, o equivalente mecânico de um ataque” (p. 288).

Mas o estilo euclideano é mesmo sinuoso e cheio de ardis. Após tratar, de forma pródiga, um assunto que domina amadoristicamente, ele sabe como esquivar-se e dissimular: “Cerremos esta página perigosa”(p. 288). Como pratica nas duas primeiras campanhas, a expedição Moreira César é igualmente criticada por Euclides, com a derrota humilhante e a fuga desastrosa de oficiais e praças, menos pela competência dos canudenses e mais pela imperícia, instabilidade psíquica e desordem de comando do lado dos expedicionários liderados pelo desafortunado coronel. No intertítulo “Psicologia do soldado brasileiro”, Euclides entoou uma ode à bravura e dedicação do expedicionário, que soa como um réquiem. Moreira César aparecerá como um frasista boçal, ancho de bravata e sensaboria, arrotando pérolas de linguagem de gosto duvidoso: “Vamos almoçar em Canudos” (...) “Lá vão dois cartões de visita ao Conselheiro” (p. 305).

Como um *repórter* semi-distante do teatro das operações de guerra, arquiteto (e engenheiro) que anima pedras pelo ótica do depoimento de testemunhas, Euclides manifesta pelo Conselheiro um misto de repugnância civilizada e atração pelo misterioso ante “o império do evangelista humílimo e formidável” (p. 296). Desde o primeiro conflito em Uauá, o segundo, no caminho para Canudos e o terceiro, contra Moreira César, o diapasão euclideano é de recolha criteriosa de impressões e imagens. Os tabaréus de Canudos aparecem-lhe como gigantes estropiados, animados por uma resistência incompreensível e uma inteligência próxima do insuperável, atraindo tropas e poderio bélico ao arraial, de onde, dissimuladamente tocaçados em suas casas, destroçavam os inimigos. E como reagem, no fragor da guerra, ou ante as baixas ou triunfos? Rezando. “Os *kyries* estropiados e dolentes, entravam, piores que intimações enérgicas” (p. 318). Canudos zombava do poder, através da galhofa e dos assobios estridentes ante a retirada dos antes invencíveis expedicionários da ordem republicana. O que Euclides chamou de “pateada lúgubre”, a debandada escandalosa de 800 soldados fugindo desabridamente do inimigo sorrateiro e misterioso, foi o supremo opróbrio que a República não engoliu.

Quanto a esse trecho da guerra, Euclides não sublima a ação desertora e é, antes, tão sardônico quanto meticuloso na descrição da debandada:

E foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamentos; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que a recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra os inimigos, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafidores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se. (p. 319-320)

O desalentado comentário de Euclides não poderia ser mais compungidamente sarcástico: “a maior parte da tropa não se desarmara apenas diante do adversário. Despira-se...” Com a conseqüente escumalha de juízo indignado quanto aos despojos de guerra: “a expedição Moreira César parecia ter tido um objetivo

único: entregar-lhes tudo aquilo, dar-lhes de graça todo aquele armamento moderno e municia-los largamente” (p. 323). Esta seqüência final do relato de Euclides lembra os momentos mais agudos da belicosidade dos inimigos de Enéias na Itália, o entrecho decisivo da *Eneida*, conquanto seja também – por principal missão do texto – o relato jornalístico das operações de guerra envolvendo pessoas vivas e não personagens da literatura clássica.

Na abertura da narrativa sobre a formação da Quarta Expedição, Euclides da Cunha ironiza a comoção provocada pela vitória dos canudenses: “a República estava em perigo; era preciso salvar a República”. E transcreve os registros alarmistas de jornais da época:

O que de um golpe abalava o prestígio da autoridade constituída e abatia a representação do brío da nossa pátria no seu renome, na sua tradição e na sua fôrça era o movimento armado que, à sombra do fanatismo religioso, marchava acelerado contra as próprias instituições, não sendo lícito a ninguém iludir-se mais sobre o pleito em que audasmente entrava os saudosos do império, francamente em armas.

* * *

Não a quem a esta hora não compreenda que o monarquismo revolucionário quer destruir com a República a unidade do Brasil.

* * *

A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o ilustre Coronel Tamarindo e tantos outros oficiais briosíssimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarquista à sonda da tolerância do poder público, e graças até os seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e fôrça.

* * *

Trata-se da Restauração; conspira-se; forma-se o exército imperialista o mal é grande; que o remédio corra parelhas com o mal. A monarquia arma-se? Que o presidente chame às armas os republicanos.

* * *

Sabemos que, por detrás dos fanáticos de Canudos, trabalha a política. Mas nós estamos preparados, tendo todos os meios para vencer, seja como fôr contra quem fôr.
(p. 326-327)

Lúcido, Euclides contradita a desordem das informações: “atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja exprimia palmar insciência das condições naturais da nossa raça”. Isso porque, ainda segundo Euclides, “pouco nos avantajáramos aos rudes patrícios retardatários” (p. 328).

Euclides exproba à consciência de que a civilização alijara as massas sertanejas impelindo-as à marginalidade e quando a civilização se apresentava era com baionetas e descargas de canhões. “Canudos era uma tapera miserável”, truncada à civilização. “Despertou rancores” com sua insubordinação desesperada. Euclides lamenta a insolvência do pensamento conservador: “não entendemos a lição eloqüente” (p. 328). E exacerba o historiador na ironia pós-derrota da Terceira Expedição e seus desdobramentos e repercussões, vergastando os ridículos de “Levantamento de Massas” e “Planos” de combate denodado contra os infieis, de par com a patacoada de sugestões que iriam até ao flagelo de construir uma malha ferroviária do Rio de Janeiro até Monte Santo... em 30 dias!!! As notas e notas de um ridículo bestialógico, alcunhado de “patriotismo”, alcançava todo o país no desenfreado esforço de tudo fazer, a qualquer custo, para eliminar *a besta fanática da Bahia*. Repórter independente, Euclides denunciou os desmandos dos expedicionários republicanos, agora sob o comando dos generais, com as disputas e mesquinhas de comandos esfacelados pela competição e inveja. E registra sua convicção de comportamento isento dos canudenses, que recolham, entre os despojos do inimigo vencido, apenas armas e munições: os soldados da Quarta Expedição encontraram objetos de valor e dinheiro, desprezados pelos sertanejos, nos bolsos dos companheiros mortos, com suas fardas intocadas.

Seguidamente Euclides alude à desproporção entre os contendores quanto a armamento, táticas de guerra, conhecimento do meio físico, a disputa entre egressos de uma reconhecida Escola Militar e o “ajuntamento de matutos” (p. 360). E foi justamente esse “ajuntamento” caipira que *encurralou* o poder durante meses em 1897. Os matutos se portavam como inimigo invisível (e amedrontador, porque imprevisíveis). “Batidos, não se deixavam esmagar” (p. 364). Entre as baixas da oficialidade, em tom lastimoso, Euclides referencia um “oficial honorário, um artista que fora até lá atraído pela estética sombria das batalhas” (p. 369). O estrago produzido pelos “matutos” era considerado ainda maior por conta da surpresa indignada que sua ação causava nas disciplinadas hostes oficiais.

Euclides também se socorre da imaginação, embora tudo pareça muito verossímil. O relato ganha contornos de aventura épica, com o cerco dos canudenses durante quase um ano, os expedicionários condenados à fome e sede e a batalhas intempestivas, com tiros a intervalos sempre insabidos, os assaltos dos soldados às caatingas, vorazes bandos em busca do que comer, mesmo sem sal ou tempero. A crença de Euclides era que se os sertanejos atacassem a divisão de alimentos, fechariam o cerco e a Quarta Expedição, como as outras, fracassaria. Os canudenses, por suas limitações táticas, não souberam aplicar o estrangulamento final.

A imprevisibilidade governamental, assente com o improvisado militar inscrito na obstinação imobilista do comandante-em-chefe da Quarta Expedição, general Artur Oscar, provoca no narrador de *Os sertões* um dos raríssimos momentos de descontração. Glosando dizeres de César ao atravessar o Rubicão, na fixação paradista do comandante-em-chefe em Canudos, diz Euclides que ele “alterou um verbo na frase clássica do romano e seguiu. Chegou: viu; e ficou” (p. 378-379). Enquanto isso a tropa morria de fome porque pensava que o triunfo seria rápido e não precisaria de maior quantidade de comida para 6 mil bocas.

Euclides descreve Canudos como uma “tapera babilônica” de 6 mil casas e 15 a 20 mil almas “invisíveis”. Os soldados no cerco, no silêncio dos dois campos de batalha, escutavam, “misteriosa e vaga, coada pelas paredes espessas do templo meio em ruínas, a cadência melancólica das rezas...” (p. 380), enquanto ficava imaginando mistérios e poderes especiais nos inimigos. Começaram a desertar, alguns inadvertidamente, inclusive, indo na direção das fileiras inimigas, outros a fim de encontrar a morte certa, preferindo “o tiro de misericórdia do jagunço àquela agonia lenta” (p. 381).

Um Euclides varrido de lirismo, no fragor da luta, lembrava-se de acentuar imagens desconformes: “Eram oito horas da manhã. Formosa e quente manhã sertaneja que naquelas zonas irradia sempre um resplendor belíssimo de centelhas refluídas da terra desnuda e quartzosa...” (p. 389). O épico alcança também a participação das mulheres, disciplinadas combatentes até à morte: “não fraqueavam, morriam num estertor de feras, cuspidando-lhes em cima um esconjuro doloroso e trágico...” (p. 393). Quanto a Canudos, não modificava seu cotidiano por causa da guerra. Após os combates do dia, logo ao *empardecer*, “o sino da igreja velha batia, calmamente, a ave-maria; e, logo depois, (...) ressudava o salmeiar merencório das rezas”.

O ideal republicano merece da parte de Euclides da Cunha uma contemplação de testemunho lírico. Lirismo idealista da mocidade militar, que se comportava como se a guerra de Canudos fosse uma cruzada. Os heróis da guerra, portanto, na visão de Euclides, não serão personalizados individualmente, mas resultarão do espectro coletivo de ambos os lados, o soldado ingênuo que acreditava na limpidez solar dos propósitos da República e o místico sebastianista vocacionado pelo ideal do Bom Jesus na redenção de sua lavra espiritual. Das escaramuças da Quarta Expedição, com quase 3 mil homens (a metade do contingente original) já mortos ou fugidos, o general Artur Oscar pedia mais 5 mil para purgar Canudos da ameaça à sólida República.

Euclides, entretanto, vê o sertanejo não como o “bandido famigerado”, o inimigo monarquista, mas como o sertanejo defendendo o “lar invadido”, a troco de que,

nos últimos instantes, seriam “quatro magros titãs famintos e andrajosos” a “queimar os últimos cartuchos em cima de seis mil homens” (p. 397). O arroubo de odisséia não oblitera a reflexão do jornalista empenhado no registro fiel dos acontecimentos. Contando a retirada dos feridos e enfermos, o êxodo embrutecido dos guardiões desse cortejo, Euclides testemunha também a barbárie das depredações, dos saques e assaltos bandoleiros dos soldados à população indefesa e inocente.

Em Salvador, oficiais e praças tinham acolhida e solidariedade consagrada a heróis, junto com o pasmo e assombro pela resistência dos sertanejos, capazes de causar, segundo o relato euclideano, entre 25 de junho e 10 de agosto de 1897, exatas 2 mil e 49 baixas entre os liderados de Artur Oscar. A imaginação desordenada dos desertores conferia tom especular, de mistério quase escatológico, à personalidade dos jagunços. Os meninos sertanejos, assediados pela tortura e intimidação, mesmo com a faca percorrendo-lhes o corpo e o pescoço, davam “Vivas ao Bom Jesus”. O assalto e a tentativa de *escangalhar a matadeira*, o canhão vomitador de mortes contra o arraial de Canudos, são feitos por rapazolas imberbes, num lance de epopéia que Euclides empalma e emoldura em mito lendário nos campos canudenses.

A ignorância na corte contemplava o quadro de desconfiança sobre o conhecimento do Brasil. Daí o maior mérito da obra de Euclides, que é revelar ao país a profunda ignorância do Centro (do poder, inclusive) sobre os grotões brasileiros. Em alguns momentos, o registro terrível do texto mostra as nervuras do real diante das quais falecem as posturas de equidistância. Diz Euclides que “o medo teve ali os seus grandes heróis, revelando a coragem estupenda de dizer a um país inteiro que eram covardes” (p. 415).

O país oficial, positivista, se levantou contra Canudos mandando para a Bahia legiões de tropas e expectativas de vingança patriótica. Euclides traça um perfil apurado e cruel do marechal Carlos Machado de Bittencourt. À feição de Machado de Assis, Euclides escarnece da compenetração álgida de comportamento do marechal. Comportava-se “como se este mundo todo fosse uma imensa Casa da Ordem e a História uma variante da escrituração dos sargentos” (p. 419). Os soldados guerreavam como se combatessem inimigos externos. Soldados oriundos das cidades grandes e do litoral, além do centro de poder no Rio de Janeiro, enfeixavam, para Euclides, “a separação social completa que dilatava a distância geográfica”. É o narrador de *Os sertões* quem assevera: “Tudo aquilo era uma ficção geográfica”. Canudos começava a cair: “não batia mais com a sua serenidade gloriosa o sino da igreja velha, que caíra; não se ouviam ladainhas melancólicas entre os intervalos das fuzilarias” (p. 429).

Os prisioneiros eram mulheres, “tendo ao colo crianças engelhadas como fetos”, meninos órfãos e velhos entrevados que “eram como animais raros em divertimento de feira” (p. 430).

O estilista d’*Os sertões* apresenta imagens e comparações desconcertantes: “a bala que esfuzava perto, riscando um assovio suavíssimo nos ares, como um *psiu* insidiosamente acariciador da morte” (p. 448). Leiamos o texto singular que revela nota sebastianista do agrupamento matuto:

Antonio Conselheiro seguira em viagem para o céu. Ao ver mortos os seus principais ajudantes e maior o número de soldados, resolvera dirigir-se diretamente à Providência. O fantástico embaixador estava àquela hora junto de Deus. Deixara tudo prevenido. Assim que os soldados, ainda quando caísse nas maiores aperturas, não podiam sair do lugar em que se achavam. Nem mesmo para se irem embora, como das outras vêzes. Estavam chumbados às trincheiras. Fazia-se mister que ali permanecessem para expiação suprema, no próprio local dos seus crimes. Porque o profeta volveria em breve, entre milhões de arcanjos, descendo – gládios flamívomos coruscando na altura – numa revoada olímpica, caindo sobre os sitiantes, fulminando-os e começando o Dia do Juízo. (p. 450)

No último bloco da seção d’ “A Luta”, intitulado “Últimos Dias”, o esforço historiográfico e jornalístico de Euclides da Cunha ganha reverberações do modelo épico em que se assenta toda obra. O narrador cresce, junto com a indignação que descreve “cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares” – ante a visão dantesca dos destripamentos e degolas de prisioneiros que se recusavam a dar vivas à República. À prática da barbárie oficial e *civilizada*, Euclides arremata, sarcástico: “apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades” (p. 485).

O capítulo II – “Depoimento do Autor” – descarna o cidadão sobre a capa do jornalista e historiador pretensamente frio. À crítica devastadora, Euclides junta a denúncia de ações desafiantes da lei e da ordem públicas, com os militares livremente degolando, estrangulando, estripando homens, mulheres e crianças que davam vivas ao Bom Jesus. Com o adicional de terror atávico, ante o temor dos sertanejos crédulos de que morrer a faca não leva ao céu, os torturadores prometiam-lhes a morte por tiro se confessassem revelações injuriosas de Canudos e do Conselheiro. Um isento e digno memorialista do massacre, Euclides testemunha: “Raros as faziam. Na maioria emudeciam, estóicos, inquebráveis – defrontando a perdição eterna” (p.

459). E mais diz o repórter-historiador: “O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa” (p. 459). Assiste o relato à dignidade do negro que, ante a hesitação e imperícia do torturador, pega o nó da corda que o irá enforcar e o põe no próprio pescoço, jugulando-se com parcimônia quase ascética, dignidade estoíca e altivez para o suplicio dos primeiros mártires. Assombra-se Euclides: “E estas coisas não impressionavam” (p. 460). As respostas lacônicas – “Sei não!” e “E eu sei?” – e mais a deblateração de “um demônio de anáguas” entoando rezas e murmurações contra o poder fizeram degolarem uma mulher, das poucas poupadas. A indignação euclideana, já antevista em sua nota preliminar a *Os sertões*, seguirá um crescendo vertiginoso: “Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada” (p. 461). A justificativa apresentada pelos militares para aquelas ações era de vingança dos companheiros mortos nas outras expedições, “rancores acumulados”, a barbárie estimulada pela condescendência de representantes do governo republicano, com a “multidão criminosa e paga para matar” (p. 462). Euclides: tudo faziam sem temer o futuro, numa “página sem brilhos”, ações desfechadas por soldados cujas “espadas virginalmente novas, bandeiras intactas, sem o rendado precioso das batalhas” (p. 463). E tal desastre moral foi conduzido por militares recém chegados aos combates, sequiosos de guerrear a qualquer preço, destacamentos vindos do Amazonas, do Pará e São Paulo, “5 mil soldados em números redondos” contra uns poucos sertanejos desprovidos de seus líderes mortos e acuados de fome e de sede. O épico se acentua de estratégias, como o do canudense escudado numa “trincheira de cadáveres”, emboscando e matando inimigos, em cena descrita por Euclides com ares de profanação, na “traça dos sertanejos” em “transe doloroso” (p. 466). A resistência heróica se dava contra o cerco, a fome, a sede, o isolamento, o número reduzido de combatentes. Mas que durava e durava, segundo a narrativa euclideana, com a marca das grandes epopéias. Os desarmados buscavam água nas cacimbas extenuadas do Vasa Barris e eram abatidos sob a luz das estrelas ou da lua.

Um Euclides lírico novamente se insinua no firmamento épico. As cacimbas que servem de fontes de resistência, e alvejadas pelo militares, logo se transmudam, na pena do narrador, em “breves placas líquidas rebrilhando ao luar ou joeirando, na treva, o brilho das estrelas” (p. 467). Vale a transcrição de trecho significativo de mortes sucessivas em busca da água:

Alguns antes que chegassem às ipueiras esgotadas, reduzidas a repugnantes lameiros; outros quando, de braços sugavam o líquido salobro e impuro; e outros

quando, no t ermo da tarefa, volviam arcando sob os BOG S repletos. Substituiam-nos outros, rompendo desesperadamente contra os tiroteios, afrontando-se com a morte. Ou, o que em geral sucedia, deixavam que se atreguasse a repulsa enérgica e mortífera e se descuidassem os soldados vigilantes. Mas êstes conhecendo-lhes os ardis, sabiam que tornariam outra vez em breve. Aguardavam-nos, pontarias imóveis, ouvidos armados ao menor ruído, olhos flechando, fitos, as sombras, como caçadores numa espera. E divisavam-nos, de fato, transcorridos minutos, indistintos, vultos diluídos no escuro, na barranca fronteira; e viam-nos, descendo lento e lento por ela abaixo, de bruços, rentes com o chão, vagarosamente, num rastejar serpejante de grandes s urios silenciosos; e viam-nos depois, em baixo, arrastando-se pelo esteiro areento do rio[...]. (p. 467)

  devassa de Canudos olhos estranhados deparavam coisas convexas ao uso sertanejo: candeiros, redes, jiraus, oratórios, rosários, benditos, “doutrinas cristãs velh ssimas”, imagens, ver nicas, “crucifixos partidos; e figas e cruces, e bentinhos imundos...” (p. 469). O comando, finalmente, compreendera que Canudos não se iria render. O empreendimento do assalto final se d  a 1  de outubro. Segundo nota Euclides, em mapas da época, 5.871 homens avançando sobre o arraial destruido: “o jagunço despertava, como sempre, de improviso, surpreendedoramente, teatralmente e gloriosamente, renteando o passo aos agressores” (p. 476). Canudos sucumbe, e com ele resvala o jornalista pretensamente neutro: “as *nossas* baixas...” (p. 477).

Bela intensifica o enumerativa testemunhamos no capítulo “A dinamite”.

E volvendo de improviso às trincheiras, volvendo em corridas para os pontos abrigados, agachados em todos os anteparos, esgueirando-se cozidos às barrancas protetoras do rio, retransidos de espanto, tragando amargos desapontamentos, singularmente menoscabados na iminência do triunfo, chasqueados em pleno agonizar dos vencidos – os triunfadores, aqueles triunfadores, os mais originais entre todos os triunfadores memorados pela história compreenderam que naquele andar acabaria por devora-los, um a um, o último reduto combatido. Não lhes bastavam 6 mil MANNLICHERS e 6 mil sabres; e o golpear de 12 mil braços e o acalcanhar de 12 mil coturnos; e 6 mil revolveres; e 20 caminhões, e milhares de granadas, e milhares de SCHRAPNELLS; e os degolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canhoneio contínuo, e o esmagamento das ruínas; e o quadro indefinível dos templos derrocados; e, por fim, na ciscalhagem das imagens r tas, dos altares abatidos, dos santos em pedaços – sob a impassibilidade dos céus tranqüilos e claros – a queda de um ideal ardente, a extin o absoluta de uma cr n a consoladora e forte...

(p. 478-475)

O sertanejo ainda aparecerá aos olhos de Euclides como um “adversário irresignável” (...) “Atacava-se a fundo a *rocha viva* da nossa raça. Vinha de molde a dinamite... Era uma consagração”, mas “os sertanejos invertiam toda psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota” (p. 479). Apesar da dinamite e da descomunal diferença de número e ânimo, inda combatiam e faziam as brigadas recuarem, tenazes até ante os incêndios dos casebres, a querosene. Antonio Beatinho responde por todos no diálogo com o comandante:

– Quem é você?

– Saiba o *sen doutor* general que sou Antonio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque agente não tem mais opinião e não agüenta mais.

E rodava lentamente o gorro nas mãos lançando sôbre os circunstantes um olhar sereno.

– Bem. E o Conselheiro?...

– O nosso bom Conselheiro está no céu. (p. 483-484)

Um ardil dos sertanejos é julgado por Euclides como golpe de mestre: entregar, como *prisioneiros*, velhos, mulheres e crianças. Euclides expõe o quadro desolador dessa marginália andrajosa que o poderoso exército republicano combatia. Suas palavras são duras:

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem número de mulheres, velhas espectrais, môças envelhecidas, velhas e môças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos escarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem número de crianças; velhos, sem números de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces tûmidas e mortas, de cêra, bustos dobrados, andar cambaleante. (p. 485)

Toda a instância textual é comovedora:

Predominava o pardo lídimo, misto de cafre, português e tapuia, – faces bronzeadas, cabelos corredios e duros ou anelados, troncos deselegantes; e aqui, e ali, um perfil corretíssimo recordando o elemento superior da mestiçagem em roda, vitoriosos, dispare e desunidos, o branco, o negro, o cafus e o mulato proteiformes com todas as graduações da côr... Um contraste: a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadro de mestiços indefinidos e pusilânimes. Quebrara-a de todo a luta. Humilhava-se. Do

ajuntamento miserando partiam pedidos flébeis e lamurientos, de esmola... Devoravam-na a fome e a sede de muitos dias. (p. 486-487)

Euclides volta a sucumbir no preconceito antropológico de “raça superior” e “mulatos pusilâmines” (p. 487). A cena final é de um épico definitivo: Quatro guerreiros (1 velho, 2 homens feitos e 1 menino) contra 5 mil homens armados e beligerantes. Conclui Euclides: “Canudos não se rendeu” (p. 488). Caiu o arraial a 5 de outubro de 1897 com a morte, por granada, destes últimos combatentes. Para não vingar o mito sebastianista, exumaram o corpo de Antonio Vicente Maciel, para o estudo do crânio pela ciência conspícua e comprovação da *índole degenerada do fanático Conselheiro*, ou, segundo palavras do próprio Euclides, o “famigerado e bárbaro agitador” (p. 489). Vale também a transcrição leitoral desse trecho com que encerra o livro:

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! – faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulhenta de tecidos decompostos.

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele terrível antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fôra malbaratar o tempo exumando de nôvo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escara e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores...

Trouxeram depois para o litoral, onde delirava multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linha essenciais do crime e da loucura[...]. (p. 489)

Como paisagem e painel, ecologia física, social e humana de uma feição obscura do Brasil, *Os sertões* terminaram por moldar a alma de Euclides da Cunha. A obra revisita no escritor os avatares da *persona* brasileira do interior. A visão de Euclides para os sertões é particular e singularíssima porque enfeixa uma alma de épico em meio a tinturas anotativas do antropólogo e do cientista social – logo ele, Euclides, engenheiro militar por profissão. Próximo do drama e da música wagneriana, Euclides compõe uma ópera épica com fermento de tragédia ciclópica, ou ciclôtímica, em que avulta o universo dos sertões brasileiros ainda hoje incompreendidos, homens e idéias abandonados ao seu próprio destino.

Polimórfica, polissêmica, polivocal, a tessitura da obra euclideana já pode ser presumida a partir de suas notas, registros e diários originalmente concebidos para o jornal “O Estado de São Paulo” e publicados pela José Olympio em 1939. Ali já aparecem imagens surpreendentes, algumas das quais não resistimos em mostrar: “O jagunço degolado não verte uma xícara de sangue” (p. 499); “O fanático morto não pesa mais que uma criança” (p. 499); aos mutilados de guerra que chegam à estação da Calçada, Euclides associa a semelhança de “uma procissão dantesca de duendes” (p. 501). O correio para o jornal paulistano é entremeado de alusões confortadoras ao fim próximo da guerra particularmente em virtude dos testemunhos contestes aproveitados pelo repórter. Euclides reconhece na guerra de Canudos “uma missão proveitosa e inolvidável”. Proclama, quanto aos governantes, “a insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior”, vale dizer, a permanência da exclusão social, econômica e intelectual proporcionada pelo modelo econômico e político que privilegia a concentração de renda e cultura, a ignorância invencível do que seja o Brasil real, fermento de revoluções e revelações profundas, adiadas ainda na contemporaneidade.

Canudos não se rendeu. – O eco dessa sentença sem dúvida ainda nos convoca. O universo de isolamento, humano e social, desenvolvido em *Os sertões*, tampouco se alterou. Remédio de Euclides para o signo de transformação dessa identidade brasileira? Convocar o grande herói para a metamorfose do Brasil ignorado: o mestre escola.



ARAÚJO, Jorge. O estatuto literário d’*Os Sertões*. *Lêgua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, n°1, 2002, p. 137-161.

Jorge de Souza Araújo é Mestre e Doutor em Letras pela UFRJ. Publicou *Perfil do Leitor Colonial*, 1999; *Profecias Morenas*, 1999; *Caderno de Exercícios: Algumas Reflexões sobre o Ato de Ler*, 2000; *Locuções Dramáticas*, 2001, entre outros. Consultor da Biblioteca Nacional para o Plano de Obras Raras; Colaborador do PROLER e da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Professor Titular aposentado, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS.